

PRIMEIRA DECLARAÇÃO SURUI

TRIBO SURUI

Apresentação de Betty Mindlin Lafer

Os Suruí da Rondônia (não confundir com os do Pará) são 250 pessoas vivendo numa área de 220 mil ha., parte do Parque Indígena de Aripuanã. Suas duas aldeias distam aproximadamente 50km de Cacoal, cidade à beira da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), que não existia em 1970 e hoje tem 20 mil habitantes. Assim, próximos ao grande eixo de desenvolvimento capitalista no centro-oeste, vêm morrendo e perdendo suas terras desde o primeiro contacto pacífico com os brancos. A atração data de 1968/69, e deviam ser então pelo menos 600 pessoas. Entre 1971 e 1973, 200 Suruí, ou seja, 1/3 da tribo, morreram de sarampo, gripe, tuberculose. A invasão de terras também começou cedo: já em 1971, a Cia. Itaporanga, uma empresa clandestina, loteava terras indígenas. O número de colonos foi crescendo e em 1976, depois de muita luta por parte da administração do Parque, o território Suruí foi demarcado, uma parte invadida sendo cortada, porém. O Ministro do Interior, Rangel Reis, chegou a ir à área, prometendo uma solução definitiva. Mas os colonos não foram retirados, apesar de choques armados com os índios, e seu número cresce sempre. Hoje, em fins de 1979, são cerca de 200 famílias ocupando lotes de 100 ha. cada uma - portanto, 20 mil ha., já 10% do território Suruí, plantando café, roças de mandioca, milho, arroz, etc. Construíram sozinhas uma estrada de 20km dentro da área, para escoamento da produção. Provenientes das várias regiões de desemprego do país - Espírito Santo (donde capixaba, para os Suruí, ser sinônimo de "iara" ou branco), Itaipú, Paraná, estão dispostos a morrer pela terra onde trabalham em condições tão duras. O INCRA, em junho de 1979, prometeu a transferência para algum projeto de colonização na Rondônia em abril de 1980, quando acabarem as chuvas. Nessa promessa, o INCRA seguiu instruções do então Ministro da Agricultura, Antonio

Delfim Netto, que afirmou os propósitos do Governo Figueiredo de evitar conflitos de terra com os índios e realizar uma política humanitária, capaz de preservar minorias tão importantes como valores culturais no mundo. Resta ver se essa promessa se efetivará e se mesmo a área exígua de uma minoria, insignificante para as dimensões da Amazônia, poderá contar com o apoio do Governo num território onde 20 mil famílias estão na fila dos lotes do INCRA e um número sem conta chega do Brasil inteiro na esperança de ter terra onde trabalhar - e onde grandes fazendas, protegidas por jagunços, mantêm limites de legalidade duvidosa.

Alheios à efervescência econômica da região, a esse "far-west" de multinacionais e desempregados e, sobretudo, alheios aos mecanismos institucionais brasileiros, os Suruí clamam por suas terras. Não conhecem ainda o funcionamento da política (e como poderiam, se há tão pouco conhecem os brancos) e nem sabem de quem, exatamente, depende o seu destino, o que os faz às vezes esperar de indivíduos isolados soluções impossíveis. Mas manifestam o desespero de não terem voz: "Quero aprender o português para saber dizer o que penso e quero ao governo", diz o chefe com angústia.

E sabem lutar pelo que sempre foi sua vida: o respeito à natureza e às fontes de matéria-prima, o descanso da terra que mantém a fertilidade, as roças onde trabalham em intenso sistema de cooperação baseado no parentesco, as festas e rituais, os lugares dos mortos, a floresta e a caça. Reivindicam sua parte desse progresso brasileiro tão apregoadado e cuja desigualdade lhes escapa, nos objetos que vêm os vizinhos e a cidade consumirem. Notam que os colonos destroem a mata e os animais, cultivando sempre o mesmo local, e que trulham isolados, sem a menor ajuda mútua. A hostilidade aos colonos é relativa: sabem que eles

também precisam de terra (mas por que tomar a dos índios?), que são pobres como os índios ficarão quando perderem a mata. Mantêm com os colonos que moram fora da área relações de troca e amizade.

O depoimento que se segue foi gravado no pátio da aldeia, em maio de 1979, num momento de tensão. Era um recado ao Presidente da FUNAI, para que tomasse providências contra a invasão. Só não estão incluídas algumas declarações não traduzidas. Para quem gritar? São capazes de uma guerra a qualquer momento, mas sabem que são muito poucos. O desespero é a nota constante dos Suruí, cujos protestos há muito esbarram num muro de silêncio ou promessas vazias.

As mulheres participaram ativamente das discussões sobre terra, mas não quiseram gravar em público sua opinião.

Betty Mindlin Lafer

DECLARAÇÃO SURUI

Maio de 1979

1º Índio: Quando tomarem a nossa terra, aonde vou derrubar para plantar o nosso milho? Depois, como não tem mata, não tem tatu. Aonde nós vamos caçar tatu? Não pode fazer derrubada grande. Capixaba está fazendo canoa na nossa terra, no Rio Branco. Aonde tirar abelha, com derrubada grande?

2º Índio: Vi muita gente agora no mato, entrando no Rio

Cadernos de Opinião
Maio 1979

Branco. Gente nova, de barco. Tem muita gente na nossa terra.

1º Índio: Índio tem coragem de matar branco.

3º Índio: Agora o verão chega, eu estou esperando pela FUNAI. Agora a FUNAI não vem, já muita gente entra na área de Suruí. Tu vai agora fazer o sinal, muita gente entrou na área Suruí. Eu já falei com o general em Brasília. A FUNAI marcou a terra do Suruí. Agora estamos mandando matar a gente que entrar na nossa terra. Agora vamos começar a fazer flecha com taquara. Nós vamos fazer isso. Agora fico a pensar de noite. A gente não tem medo. Índio tem coragem para matar o outro. Estou pensando em queimar todas as casas da gente (dos civilizados). A FUNAI não tira, nós vamos tirar. Tem muito boi.

1º Índio: Muita gente tomou o Rio Branco, depois não tem mais peixe grande.

3º Índio: Tem 200 ou 300 famílias mais ou menos. Tem boliche dentro da nossa terra. Essa semana vou lá quebrar toda a pinga dele. O boliche é bem perto da roça do índio. É novo o boliche. Quando a chuva começar, nós vamos matar gente também.

2º Índio: Eu vou fechar o boliche.

3º Índio: Os colonos estão armados, nós também estamos armados. Índio não tem medo nenhum.

2º Índio: Eu vou matar, vão tomar aqui minha terra. Perto do Rio Branco. Capixaba agora quer brigar comigo. Falou que vai brigar. Quase que eu atiro no capixaba. Ele grita muito comigo. Hoje gritou comigo. Quase atiro. Muito tremendo comigo. (Passou pelos colonos, na própria terra, e foi ameaçado.)

3º Índio: Esse verão vai acabar. A FUNAI não faz nada. Tu vai a Brasília falar com a FUNAI. Não quero ninguém na terra dos Suruí. Vou matar gente. Eu bra-

vo muito agora. Não tem cabeça, sabe?

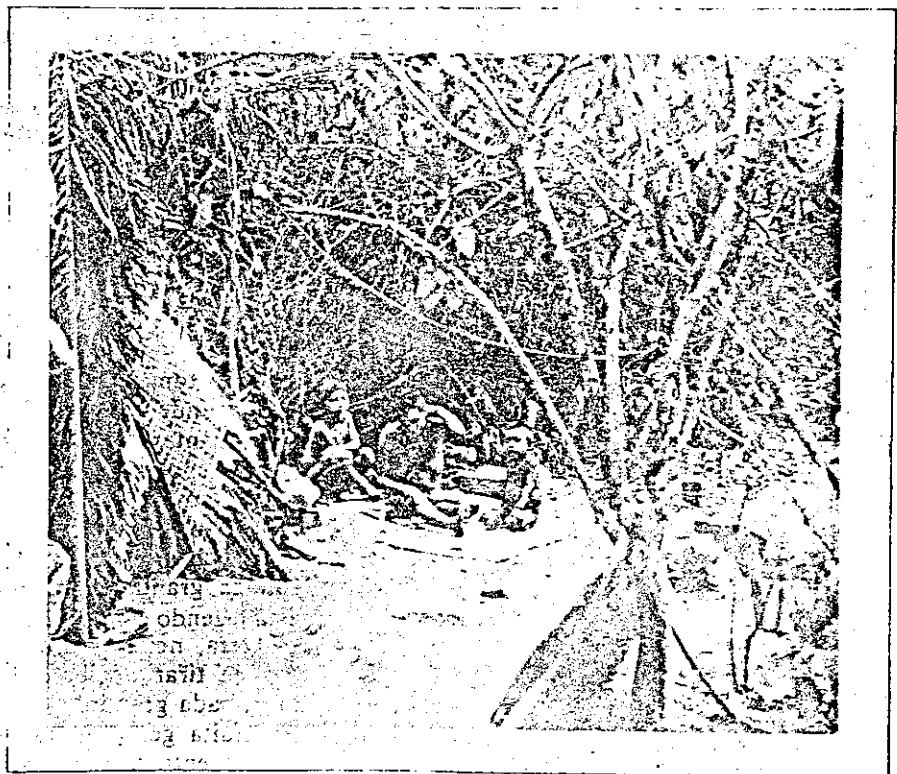
Outro Índio: Nós agora vamos matar. Dizer para a FUNAI que agora vamos queimar todo mundo. Entraram por toda nossa terra. Bem bravo eu, não pode deixar entrar gente. Capixaba tomou nossa terra, agora estou bravo, estou querendo fazer bagunça. No mato tem lagarto, mel, porco, macaco. Tudo isso acaba, não fica para nós comermos.

Outro Índio: Eu já matei os primeiros! Fui lá, tirei gente, mulher do capixaba tirei, acertei na cara dele. Ele foi morrer no hospital. Eu já flechei na linha 11. Capixaba de novo entra muito. Eu conversei com FUNAI, FUNAI não tira, não fala nada. FUNAI falou para a gente não brigar. O Presidente Ismarth falou comigo, tu vai deixando, não mata, que eu vou marcar terra. Quando eu marcar, onde entrar com a marcação tu pode matar, é problema deles entrar na terra de Suruí.

Outro Índio: Eu sou índio, nós somos brigadores (guerreiros), eu tenho fogo, queremos brigar, matamos gente. Estão tirando nossa terra.

Outro: Eu vou matar os Iara. Tiver gente, toma a terra deles.

Outro: Tem que falar com o general em Brasília, tem que tirar as pessoas de dentro da área. Você conta para o general - Índio está segurando muito a mão. Índio está acostumado com comida sem sal, com comida do mato. Gente chega lá estraga pé de fruta, índio não estraga não. Tem alguma coisa que quer, aí tira e depois capixaba chega e corta todo o pau, acaba. É por isso que a gente



Cadernos de Opinião

or que to-
s como os
a mata
oram fora
ade.
bi gravado
1979, num
do ao Pre-
esse provi-
o estão in-
o traduzi-
es de uma
nas sabem
ro é a nota
otestos há
silêncio ou
amente
quiseram
ndlin Lujr
RUI
de 1979
a nossa
derrubar
osso mi-
mo não
em tatu.
os caçar
azer der-
Capixaba
a na nos-
Branco.
ha, com
?
agora no
no Rio
Opinião

não gosta, nós não gostamos que eles entrem. Acaba o gongo, o palmito, fruta, pé de pupunha. Aonde depois nós vamos achar. Nós já perdemos muita terra, agora não vamos perder mais não. Índio não estraga com a mata. Só devagarzinho. A gente (os capixaba) diz que nós não trabalhamos. Nós dividimos a terra e só devagarzinho (derrubamos), nós não queremos estragar. Capixaba derrubava tudo, depois não tem palha para fazer casa, não tem nambu.

Outro: Vamos pelados matar capixaba. Índio pelado vai atacar. (Aprontam os arcos).

Outro: Tem que tirar logo os colonos. O maior problema aqui é terra. Se a FUNAI não faz nada nós vamos se virar.

Outro: Depois a gente faz roça (nas terras que estão com os colonos).

Outro: Nós mesmos tomamos conta. Mas precisa de máquina. Máquina para pilar arroz. Máquina de arroz. Precisa carrão para vender arroz. Machado, facão, foice. Tinha muito macha-

do, agora acabou. Borracha, castanha, tem que carregar também. O carro da FUNAI não dá. Está vendendo muita borracha. A camionete não aguenta muito. Precisa vir muitas vezes.

Outro: Doença tem muita, malária. Há muito tempo, quando nós morávamos longe do mato não tinha doença. Suruí só morria velho, não tinha problema não. Agora, quando Suruí novo morreu, é problema de tuberculose. Lá, no mato, tuberculose não tem, nem malária, eu nunca vi cabeça doer num índio lá. Gripe, doença, febre, não tinha. Depois de encontrar civilizado, aí nos pegamos malária, gripe. Agora a FUNAI dá remédio, mas muito tempo muito índio morreu porque ninguém cuidou. Agora estão tratando.

Outro: Você vai contar para o presidente, viu, vai contar meu nome. Aquele dia que eu aprontei confusão, eu fiz porque não gostava de civilizado entrando na minha terra. Por quê então a FUNAI não me ajuda a tirar as pessoas agora? Estou esperando, segurando minha mão agora. Esse serão não vou segurar mais minha mão. Não vou segurar ninguém. Vou mandar pessoas brigarem lá. Estou evitando de brigar lá, esperando a FUNAI tirar as pessoas. Digo, não vai mexer com elas. Nós temos coragem para tirar o pessoal lá. Tem gente demais lá: 250 pessoas. Ate no Rio Branco tem - dentro de marcação. Tem uma estrada, tem semáforo, tem carro que chega lá. Tem barco de canoa com motor, tudo tem lá. A FUNAI não vai tirar, nós vamos. Nós não temos medo de muita gente. Nós temo-





coragem. Aqueles dias que eu fiz confusão eu fiz porque os capixaba brigaram conosco, aí nós brigamos também. Tinha muita gente querendo nos matar. Muito índio pegou as armas da FUNAI, munição toda. A polícia encontrou os colonos. Zé Bel chegou de noite. 80 colonos queriam entrar aqui, faz 2 anos já. Fora da marcação vi o cara que matou meu irmão, não é ele não, o acompanhado dele. Eu não quero matar. Eu estava com o revólver na mão e não quero matar. Se eu encontrar aquele cara, estou esquentando muito, estou segurando a mão e não vou estragar assim confusão, vou esperar tirem o pessoal da área.

Outro: Aonde vou dar pedaço de terra para cada índio? Pedaço de Ubajara? Pedaço de Dikboba? Pedaço de Kaitermaga? Do Joaquim? Do Tamari? Pedaço do André? Pedaço do Cádio, Troichanga? Raimundo? Macurao? Ikon? Koko? Índio

tem que caçar no mato, morar no mato dez dias, depois voltar para a maloca dele. Tem que andar também, pescar muito longe. Cada um tem que ter sua roça. Depois vem outro verão, fazer de novo, fazer de novo, fazer de novo. Aonde nós vamos depois? Aonde vamos caçar? Acaba o fruto, tudo. É por isso que nós temos ciúme da terra, sabe? O colono derruba a mata, toma a terra, onde vamos achar a carne de tatu, de nambu, de porco? Muito colono entra, queremos tirar. Muito longe também o mel. Quando derrubar todo o pau, acabou o mel. Nós também matamos com veneno o peixe no igarapé pequeno, sabe - tiramos o leite do pau, matamos o peixe. Só igarapé grande, depois não tem, colono estraga tudo. Não sabe o que nós precisamos. Dizem que a gente não trabalha. Nós morremos também. Nós temos o que comer. Se os colonos

tomam a terra, vamos ficar parecidos com São Paulo. Não tem terra em São Paulo, não tem terra em Brasília. Aqui todo mundo ajuda o outro. Esse verão que vem a gente (civilizados) vão começar a derrubar aqui. Não gostamos que entre gente. Não gostamos de gente morando perto dos Suruí, não. Civilizado não. Quando vem morar pertinho da maloca dos Suruí, morre tudo, sabe? Não, eu não quero encontrar com a FUNAI, não. Quero encontrar com o governo. Governo tem que dar a terra dos colonos. A FUNAI não manda eu ir brigar. Eu mesmo é que vou bravar. O governo tem que dar terra para o colono, mas não terra dos Suruí daqui não. Aimoré não mandou comigo, vou eu mesmo. Aimoré tem medo do colono. Suruí vai passeando pelas linhas e tem gente brigando com os índios. Por isso eu tenho raiva também. Civilizado buliu com mulher - eu mato mesmo. Quero documento da terra. Eu falei para o capixaba da Linha Onze " - Você está tomando minha terra." - Ele falou: "Cadê o documento - Índio tem documento da terra? Quero documento - o capixaba diz que só não entra se vir o documento. Na Linha 11, Iara tirou toda a minha terra, não tem mais. Depois capixaba tira toda a borracha. A marcação, a entrada é aqui e fica terra pouquinho. Não tem mais mata não, nem mel. Capixaba tira. Faz estrada dentro da marcação.

Outro: Onde vamos buscar seringa? O capixaba acaba tudo. Fica pouca terra, o peixe acaba. Quero matar capixaba.